



josé

EXPOE - MARGS

maio - junho

1974

carlos

moura

No ornamental, não decorativo, se inspiram seus pares em lânguido e imaginário recado.

Nas mãos enormes, reproduzindo as do próprio artista, o comprovante de sua corporificada integração na obra gestada.

Nos casais dos olhos esbugalhados, disfarçados, amendrontados, como que surpreendidos em seu espontâneo ardor amoroso e condenados por uma preconceituosa sociedade. Aquela que presunçosamente elabora fascículos de uma moral e cívica biologicamente emberrugada para a vida. Como suas alianças de ouro, engravatada, com seus tabus virginais, implacável em seus noventa e cinco cochichos enferrujados e caretas...

Nas suas maquilages de Kabuki, com memória xilográfica dos atores de Toshusai Sharaku, exala aroma oriental ou similar incenso do bom pintor Rodrigo de Haro, todavia não confundir analogia com influência. Somente apontamos o genético enigma que acontece misteriosamente entre sensíveis artistas do mesmo quilate.

Moura divide seu dormitório com atelier, exíguo na metragem, mas nem se queixa por isso. Importante é o envolvimento, o entusiasmo e a dedicação carinhosa com que, em surdina, prossegue elaborando suas expressivas peças. Com asseio na gravura, nos relevos, nos desenhos coloridos, transmite qualidades peculiares aos artistas gráficos experimentados. Nesse rotzeiro tem viajado sua topografia de "passe partout" ornamental ou os complementos de matizadas chapadas metálicas.

Transpira sua recente fase maior parcimonia nos detalhes. Simplificação, esta procedente do amadurecimento, talvez resultante de contínua fidelidade ao mesmo assunto. Quem acompanhou suas obras passadas e as de agora, pode, ao confrontá-las, portanto sentir com simpatia esta singeleza e a posse de uma dosagem mais eficaz na economia das áreas tratadas como num envolvente clima saudável a seus personagens. Hoje, menos camuflados em sua ambientação temática, surgem desnudos diante do sol.

É necessário entendermos sua determinação serena para a simplicidade como positiva, cuja coerência se identifica com seu próprio ser.

De Moura se reflete num espelho e nele busca o eco autêntico para solucionar seus teoremas.

Contemplamos neste espelho um dos valores mais destacados entre nossos jovens artistas.

DANUBIO GONÇALVES

MAIO DE 1974

CURRÍCULO

PRINCIPAIS ESPOSIÇÕES-PARTICIPAÇÃO.

- 1970 - III.º Salão CATC - UFRGS - P. Alegre.
III.º Salão Nacional da Arte Universitária - B. Horizonte.
- 1971 - Oca Morganti - Porto Alegre.
Salão Cidade de Porto Alegre - P. Alegre.
IV.º Salão CATC - Instituto de Artes - P. Alegre.
Mostra do BERGS - Porto Alegre.
- 1972 - Mostra no Banco Italo Belga "5 Novos 72" - P. Alegre.
"IBIZAGRAFIC 72" - Ibiza - Espanha.
Salão da Arte Jovem - Campinas - São Paulo.
Pré Bienal "Brasil Plástica 72" São Paulo.
Semana da Arte Moderna - Porto Alegre.
IV.º Salão Nacional da Arte Universitária - B. Horizonte.
Coletiva de Gaúchos em Punta del Este - Uruguai.
INDIVIDUAL - Galeria da Arte Yázigi - Porto Alegre.
- 1973 - Mostra da Olimpíada do Exército - Recife - Pernambuco.
Coletiva do Ponto de Artes - Capão da Canoa - RS.
Mostra "40 Artistas do Sul" - Gramado - RS.
Coletiva de 3 - Galeria Gerdau - Porto Alegre.
Coletiva no Festival de Inverno de Ouro Preto.
Coletiva de Gaúchos em Kanasawa - Japão.
II.º Salão de Artes Visuais - Porto Alegre - RS.
XII.ª Bienal de São Paulo.
XXX.º Salão Paranaense - Paraná.

PRÊMIOS

- Mensão Honrosa em gravura na I.ª FAU - Pelotas - RS.
Prêmio em desenho na I.ª MUTEPLA - Instituto de Artes - P.A.
Segundo Prêmio Aquisição no Salão "O Jovem Artista" - P.A.
Prêmio Aquisição em gravura na II.ª Expo Arte Universit. - DCE-PUC
Mensão Honrosa na III.ª MUTEPLA - Instituto de Artes - P.A.
Mensão Honrosa na III.ª Expo Arte Universitária - DCE-PUC - P.A.
Mensão Honrosa no II.º Salão de Artes Plásticas da PMEG - R.J.

